



## Numa operação Stop, um militar português manda um automobilista desligar o motor. “Ele diz que não pode”, responde o intérprete, “depois não consegue voltar a pô-lo a trabalhar”

**EM ACÇÃO**  
O cabo Marques controla um automobilista (em cima); soldados durante uma pausa na operação

buta diária, a cabo encurta frequentemente os trinta quilómetros que a separam do namorado, seja “para jantar com ele ou para beber um copo com os amigos”. Às vezes, volta para sua casa. Outras, é no conforto dos braços de André que opta por adormecer.

**MAS NO AQUARTELAMENTO** de Slim Lines, em Jubilee Barracks, a poucos quilómetros de Pristina, o corredor que une o bloco B ao D, e que separa homens e mulheres, tem durante a noite uma barreira invisível e (quase) sempre intransponível. Quase... Porque às vezes “consegue-se, mas é difícil”. “Não temos liberdade para fazer o que quisermos, para nos expressarmos”, diz André, e “dormir no mesmo quarto é completamente impossível”. “É injusto”, revolta-se Patrícia, mas sem abandonar a boa disposição. “Quando tivermos oportunidade...” Aguardam pacientemente melhores dias e outra proximidade. “Vamos ter de matar saudades, e vai ser preciso mais

do que um fim-de-semana”. “Talvez um mês”, arrisca a soldado portuguesa. Mas por agora “o melhor é viver o dia-a-dia” e combater a tentação de um simples dar a mão ou de um beijo de paixão.

**SÃO PERTO DAS 8H00** da manhã e as temperaturas atingem valores negativos. As ruas estão praticamente desertas e o nevoeiro ajuda a adensar a ansiedade. A estrada de acesso à fronteira com a Sérvia, a norte da cidade kosovar de Podujevo (em albanês, Podujeva), é o local escolhido para realizar um ‘vehicle check point’, um controlo automóvel no âmbito da operação Kolorado Kid. “São missões de treino nos locais onde os soldados portugueses poderão ser chamados a intervir, mas que podem também ter efeitos dissuasores”, explicava na noite anterior o comandante do batalhão, tenente-coronel João Magalhães. Já há mais três agendas, todas em regiões que poderão ser mais problemáticas, incluindo também zonas junto à fronteira com a Macedónia e com a Albânia. Isto se nada se alterar e a situação permanecer “calma, mas tensa”.

“Olha este, vem a cair aos bocados”, diz um dos soldados portugueses, assim que se aproxima um Opel Ascona do ano 2000, mas que aparenta ter nascido muito antes do virar do século. O condutor é obrigado a parar entre os dois blindados Panhard, num dos quais se exhibe, no topo, pronta para entrar em acção uma metralhadora Browning M1919. Apesar de classificados como veículos ligeiros de combate, são de facto dois dos argumentos de maior peso deste procedimento operacional. Juntamente com os seis militares armados com metralhadoras G3 que rodeiam con-

dutor e automóvel. Ainda assim não fossem as medidas insuficientes para prevenir qualquer acção inesperada, duas pequenas barreiras de metal são colocadas à frente e atrás do veículo imobilizado, inviabilizando qualquer tentativa de fuga.

O segundo-sargento Dâmaso aproxima-se do condutor na companhia de Isat Dakaj, um kosovar de 46 anos que trabalha como intérprete para o exército português. O militar quer que o automobilista desligue o motor. “Ele diz que não pode”, responde o tradutor, “se não depois não consegue voltar a pô-lo a trabalhar”. A tensão alivia-se o suficiente para que os soldados esbocem um sorriso, mas apenas por uns segundos. Os documentos são verificados e o carro é revistado. Tudo é registado. “Qualquer problema, contactamos a polícia kosovar (KPS)”, explica o tenente Santos, porque “eles é que prendem”. Apesar de todos os cuidados serem poucos, na verdade o condutor albanês tem tudo menos um ar comprometido.